

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



interessantes confrontos com outras culturas, pois, como o A. salienta logo na abertura (p. 99), o “mito do Dilúvio de Deucalião tem paralelos com narrativas da Ásia, da região da Mesopotâmia: com a narração bíblica de Noé, com as descrições que encontramos no *Gilgamesh* e no poema babilónico de *Atramhasis*”. Embora sem terem forçosamente uma origem idêntica, estes mitos ilustram ainda assim formas semelhantes como a humanidade foi interpretando a relação com os outros humanos, o Cosmos e os deuses.

O volume contempla, por fim, algumas referências bibliográficas, um apêndice com os textos que foram sendo discutidos ao longo da discussão e um quadro sinóptico da genealogia dos principais deuses gregos. Teriam sido úteis, igualmente, um índice onomástico e um índice de assuntos, para facilitar uma consulta rápida, se bem que a clareza e simplicidade da linguagem, bem como a extensão comedida do livro acabem por convidar antes a uma leitura integral do volume, cumprindo assim (e com óbvias vantagens) os objectivos didácticos que assistiram à sua *gênese* – para recorrermos a um termo que remete para o tema central da obra.

DELFIN FERREIRA LEÃO

GONZÁLEZ ROLÁN, Tomás, *EX CASTRO. Cartas desde la prisión papal de Sant’Angelo entre los humanistas de la Academia Romana y su Alcaide, Rodrigo Sánchez de Arévalo: Introducción, edición crítica, traducción y notas* (colab. J. M. Baños Baños e A. López Fonseca), Madrid, Ediciones Clásicas, 2008, 328 pp. ISBN: 84-7882-636-X

Um caso singular e possivelmente único na história das prisões deu-se quando em Roma, a partir de 28 de Fevereiro de 1468, por ordem do Papa Paulo II (1464-1471), os membros mais ilustres da Academia Romana foram acusados de conspiração política, contra o poder papal, e de levarem vida licenciosa e herética, sendo encarcerados na prisão do Castelo de Sant’Angelo, de que era Alcaide o bispo segoviano Rodrigo Sánchez de Arévalo (1404-1470).

Os humanistas no cativeiro escreveram ao Papa e aos cardeais de quem, curiosamente eram secretários, sem que se dignassem responder-lhes. Apenas Rodrigo Sánchez de Arévalo, Alcaide do castelo, além de os tratar o mais humanamente possível, estabeleceu com eles intensa e copiosa correspondência que, em boa parte, se conservou em vários manuscritos, que nesta obra se editam e traduzem pela primeira vez, no seu conjunto.

Estas as considerações que figuram no prólogo deste livro (p. 11) e servem de apresentação na contracapa. Mas esta obra é de um alcance muito mais vasto: nela se aprofundam as relações culturais de Espanha e Itália e se apuram as raízes e a especificidade do Humanismo espanhol.

Apesar da importância que este epistolário tem para a história do Humanismo Renascentista italiano e de modo muito especial para o espanhol, encontrava-se publicado, de forma parcial e pouco filológica, desde os séculos XVIII (T. A. Vairani) e XIX (M. Creighton) e no século XX (J. M. Laboa).

No Proémio ao livro de Laboa, R. García-Villoslada, S.J., afirmava: “Cuando se escriba la historia del Humanismo español habrá que dedicar un capítulo a este interesante episodio, analizando los conceptos latentes en ese epistolario.” E interrogava-se: “¿Quién se decidirá a hacer una edición crítica, anotada y completa de todas as cartas (incluyendo las ya publicadas por M. Creighton y T. A. Vairani)?”

Correspondendo aos desideratos do eminente historiador eclesiástico, García-Villoslada, esta obra ainda os superou, pois inclui um novo e importante documento para a correspondência entre Platina e Arévalo, que se encontra actualmente em Savignano sul Rubicone, Biblioteca dell’Accademia Rubiconia dei Filopatridi, ms. 68.

Este livro apresenta assim uma edição crítica completa, anotada (edição do texto latino, com aparato crítico e aparato de fontes) e traduzida do epistolário – que teve lugar aproximadamente um ano (de 28 de Fevereiro de 1468 a inícios de 1469) – entre os humanistas da Academia Romana e Rodrigo Sánchez de Arévalo.

A preceder esta edição, figura uma extensa e bem documentada introdução, acompanhada de uma rica e criteriosa bibliografia seleccionada (pp. 13-70), onde se incluem as seguintes rubricas: 1 – A Igreja católica e a cultura clássica. 2 – Os humanistas da Academia Romana e a conjura contra Paulo II. 3 – Os humanistas e Rodrigo Sánchez de Arévalo. 4 – A tradição manuscrita da correspondência entre Sánchez de Arévalo e os humanistas da Academia Romana. 5 – *Conspectus siglorum*. 6 – Aparato de fontes. 7 – Apêndice.

A contextualização dos factos que motivaram as prisões leva ao tratamento de temas significativos da mundividência do primeiro humanismo italiano. Figuras como Poggio Bracciolini e sobretudo Lorenzo Valla, sem nunca ultrapassarem os limites correspondentes às verdades da fé e dos dogmas, criticam e denunciam muitas e graves “debilidades” da Igreja católica, tanto na sua cabeça como nos seus membros (nepotismo papal, corrupção administrativa, relaxamento e ostentação dos cardeais, avidez de benefícios e dinheiro, ignorância e hipocrisia dos clérigos, etc.). Sobretudo era motivo de contestação, entre a classe intelectual, a fusão do *imperium* e do *sacerdotium*, isto é, das dimensões temporal e espiritual na pessoa do Papa. O entusiasmo pela Antiguidade clássica, especialmente a romana, levava os humanistas a exaltar o ideal do republicanismo teórico em oposição ao absolutismo papal. Assim se explica a obra contra o incipiente humanismo, *Locula noctis*, do cardeal Giovanni Dominici, que era para mais amigo de Coluccio Salutati.

Da maior importância se revestira, na afirmação do Humanismo, a abertura da cúria papal a este movimento, desde Inocêncio VII, Eugénio IV, Nicolau V, o

fundador da Biblioteca Vaticana, Pio II, o humanista Eneas Silvio Piccolomini, que reorganizou e ampliou o “Colegio dos Abreviadores”, entrando nele uns setenta funcionários, muitos deles humanistas, seus antigos companheiros, tais como Bartolomeo Sacchi, mais conhecido por Platina. A situação inverteu-se com a subida ao sólio pontifício de Paulo II, irresoluto e desconfiado, inclinado ao fausto e às vaidades e intelectualmente medíocre, sem nunca ter conseguido falar correctamente latim. Dissolve o “Colegio dos Abreviadores”, o que deixa muitos humanistas sem trabalho. Platina enfrenta directamente o Papa e escreve contra ele um libelo que o leva pela primeira vez à prisão. Também Jorge de Trebizonda, enviado pelo Papa a observar a acção do Turco, foi acusado de favorecer os interesses deste e encarcerado no Castelo de Sant’Angelo.

Neste turbulento clima teve lugar uma suposta conjura contra o poder absoluto do papado que lhe serviu de pretexto para desferir um golpe definitivo e final no Humanismo e nos humanistas, reunidos numa irmandade ou confraria cujos membros tinham em comum um devoto culto pela Antiguidade clássica, a conhecida Academia Romana. À frente desta estava, além de Platina, Julio Pomponio Leto, prestigiado professor da Sapienza de Roma, que atraía às suas aulas multidões de jovens, ansiosos por ouvi-lo. Entre os mais reputados humanistas, contava-se também Filippo Buonacorsi (Calímaco Esperiente), cujas declarações imprudentes, com referência ao Papa, levaram Platina a considerá-lo, em cartas suas, insertas nesta edição, de *stolidus* e *ebrius* e Pomponio Leto a julgá-lo um inimigo, pela sua insensatez e temeridade (pp. 27-29). É preciso, no entanto, atender ao contexto em que as cartas foram escritas e a sua intenção última – provar a inocência dos humanistas.

Dando crédito a delatores ou difamadores anónimos, o Papa mandara prender os humanistas por uma acusação principal de lesa-majestade – tentativa de matar o Papa e os cardeais e provocar um golpe de estado –, e por duas outras, uma de carácter pessoal, por serem hereges e imorais, e outra de carácter colectivo contra a Academia, considerada foco irradiador de um ensino gerador de irreligiosidade, laicismo, hedonismo e ceticismo, contrários à moral cristã (p. 21).

Importante, neste livro, é ainda a crítica feita a estudiosos destas cartas pelas ilações precipitadas que retiram das considerações feitas na correspondência trocada entre os humanistas italianos e Sánchez de Arévalo, como é o caso de Karl Kohut (pp. 33-39).

Rodrigo Sánchez Arévalo – licenciado em Direito Canónico e Civil, em Salamanca, onde obteve também o bacharelato em Teologia e Artes, vinculado em Burgos a Alfonso de Cartagena, com missões diplomáticas da corte espanhola a cortes europeias e à cúria romana, onde foi nomeado alcaide da fortaleza de Sant’Angel desde 1464 até à sua morte, em 1470 (p. 30-31) – é-nos apresentado pelas suas obras de charneira entre a medievalidade e o humanismo renascentista. Este traduz-se não só pela *sodalitas* intelectual e humana para com os prisioneiros,

mas sobretudo pela qualidade do seu latim, que os elogios dos humanistas italianos testemunham (e.g. Bartolomeo Platina chama-lhe *sapientissimus pater* e refere-se às suas cartas como elegantíssimas, pp. 142-143, e despede-se, numa outra carta, dirigindo-se-lhe como estrela nossa, *sidus nostrum*, pp. 144-145).

A edição latina e a tradução espanhola, dignas do grande mérito dos seus autores, (pp. 71-295) são ainda enriquecidas com dois índices (índice de autores e obras cujas abreviaturas aparecem no aparato de fontes; e índice de fontes) e um glossário de nomes próprios.

Uma obra que se recomenda a especialistas e a todos os leitores interessados nas raízes comuns de uma *respublica christiana*, nos primeiros tempos do movimento humanista.

NAIR NAZARÉ DE CASTRO SOARES

GREGORY, Tobias, *From many Gods to One. Divine Action in Renaissance Epic*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 2006, 247 pp. ISBN-13: 978-0-226-30755-8; ISBN-10: 0-226-30755-7

Este livro trata de uma matéria que não tinha ainda sido objecto de um estudo extensivo, embora sem dúvida alguma o merecesse. Em várias monografias sobre a épica renascentista encontramos o tratamento da delicada (para o poeta) questão da adaptação do maravilhoso, indispensável à poesia épica, ao seu poema de pano de fundo cristão, no entanto, não dispúnhamos ainda de um estudo mais abrangente. É o que temos agora, com esta obra de T. Gregory. Com efeito, o autor oferece-nos um estudo comparativo que considera grandes epopeias do Humanismo Renascentista, de Petrarca a Milton, passando por Vida, Tasso e Ariosto. Gostaríamos de ver aqui também tratada a epopeia portuguesa, mas encontramos apenas algumas oportunas referências a Camões.

A épica renascentista, fortemente emuladora dos modelos greco-latinos cuja estrutura narrativa é marcada pelo politeísmo, vê-se necessariamente obrigada a reformular o maravilhoso de acordo com a teologia cristã. A acção divina, como ingrediente fundamental na composição épica, não poderia ser descartada, daí a necessária “Renaissance reinvention of epic divine action” (p. 4) que constitui o tema deste livro, como esclarece o autor na Introdução.

O primeiro capítulo ocupa-se do modelo clássico da epopeia, portanto de Homero e Virgílio, este último, sem sombra de dúvida, modelo por excelência para os poetas renascentistas que por vezes o consideram superior a Homero. Embora reconheça na mesma introdução que os poetas renascentistas têm outros modelos literários para além de Homero e Virgílio, e neles inclua Lucano, lamentavelmente não lhe concede muita atenção e, como sabemos, pelo menos entre os épicos portugueses, a *Pharsalia* constitui um modelo muito revisitado. Este primeiro